

## **O JORNAL ELETRÔNICO NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO: UM ESTÍMULO À PRODUÇÃO TEXTUAL**

**Edvaldo Balduino BISPO**

CEFET-RN, Rua nove de novembro, 57, Goianinha/RN, 59.173-000, e-mail: [edvaldobispo@cefetrn.br](mailto:edvaldobispo@cefetrn.br)

### **RESUMO**

Apresento, neste trabalho, uma experiência que desenvolvi nas disciplinas Língua Portuguesa I e Língua Portuguesa III, nos cursos de Manutenção de Computadores e Informática, da Uned da Zona Norte de Natal do CEFET-RN, com alunos do PROEJA, no semestre letivo 2008.1, utilizando o Jornal Eletrônico criado pela escola como forma de estimular a leitura e a produção textual, por meio da publicação dos textos produzidos pelos alunos. Esse trabalho mostrou-se muito relevante, uma vez que criou leitores reais para as produções escritas dos alunos, as quais deixaram de ter como único destinatário o professor da disciplina. Com isso, pude alcançar resultados bastante significativos, sobretudo na disciplina de Língua Portuguesa III, em que os alunos eram todos repetentes e passaram a se envolver no processo de produção textual, o que garantiu à boa parte deles obter sucesso, sendo aprovada ao final do semestre letivo. Também contribuiu para a obtenção de resultados positivos o atendimento individual que realizei, durante o período letivo, em atividades de reescrita textual.

**Palavras-chave:** produção textual, jornal eletrônico, reescrita

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho com a língua materna no ambiente escolar é uma questão que, por si só, já representa motivo de reflexão, seja do ponto de vista lingüístico propriamente dito, seja na perspectiva pedagógica, de modo a se buscarem, entre outros aspectos, mecanismos que contribuam para um melhor desempenho de alunos no que diz respeito ao uso da língua nas mais diferentes instâncias sociais de que venha participar. Quando se leva em consideração a presença dos recursos tecnológicos, sobretudo a comunicação nos meios digitais, no cotidiano discente, essa realidade torna-se mais complexa ainda. Diante disso, é preciso repensar as práticas pedagógicas do ensino de língua portuguesa, situando-as nesse contexto, o que implica o aproveitamento, entre outras ferramentas, da Internet como recurso pedagógico.

Nessa perspectiva, a prática de produção textual, que vem cada vez mais ganhando (ou, pelo menos, deveria estar) espaço nas aulas de língua portuguesa ministradas na educação básica, constitui-se um ponto crucial de discussões e debates entre professores e estudiosos da língua, seja do ponto de vista das condições em que se dá essa produção, ou melhor, a finalidade com que ela é solicitada/realizada, seja em relação à grande variedade de gêneros que circulam na esfera social, sobretudo devido ao avanço tecnológico. Quanto ao primeiro aspecto, o que ocorre é que grande parte dos textos solicitados aos alunos serve simplesmente para avaliá-los ou para averiguar se eles compreenderam o que lhes foi mostrado como protótipo nas conhecidas aulas de redação, passando a ocorrer a situação que Geraldi (1999) chama de textos de autores sem leitores. Já em relação ao outro ponto, há uma redução dos gêneros trabalhados no ambiente escolar, uma vez que normalmente são privilegiados aqueles consagrados pela tradição literária ou exigidos no processo seletivo de universidades.

Diante desse cenário, desenvolvi os conteúdos programáticos das disciplinas Língua Portuguesa I e Língua Portuguesa III a partir de um trabalho centrado na leitura e produção textual com duas turmas de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA. Para tornar o trabalho (mais) significativo, utilizei-me do jornal eletrônico da escola para a circulação de textos produzidos pelos alunos, de modo a dar mais visibilidade às suas produções escritas, bem como amenizar o caráter artificial da prática de produção textual no meio escolar, uma vez que ela passaria a contar com outro(s) leitor(es), além do professor.

## 2. QUESTÕES TEÓRICAS

O uso de recursos tecnológicos no ambiente escolar desafia pesquisadores das áreas de tecnologia, informática e educação, na busca constante por inovações que venham beneficiar a prática pedagógica, bem como estimular a popularização e divulgação de conhecimento. É do conhecimento de todos que a escola brasileira, via de regra, não tem acompanhado as transformações ocorridas no mundo do trabalho e na prática social, pois os métodos tradicionais de ensino já não atendem às necessidades urgentes da população por escolarização, por informação e por conhecimento.

Nesse contexto, o trabalho com gêneros digitais e seu possível aproveitamento no ambiente escolar tem sido objeto de investigação de diversos estudos e pesquisas, tais como os de Marcuschi (2002), Coscarelli (2003) e Ghaziri (2008). E isso se deve ao surgimento de uma gama cada vez maior de gêneros oriundos do chamado ciberespaço, contexto em que a Internet se configura como instrumento de fundamental importância.

Ocorre, porém, que muitos desses trabalhos se detiveram à apresentação e/ou definição/caracterização desses gêneros ou à análise de impactos sobre o uso cotidiano deles, não necessariamente no ambiente escolar. Outros ainda investigaram auxílio da mídia digital no ensino presencial, mas apenas no âmbito do Ensino Superior, como é o caso de Cruz e Costa (2004). São necessários ainda mais estudos que elucidem formas de aproveitamento, no espaço escolar, das inovações advindas da Internet. Conforme mostra Marcuschi (2005, p. 13), “[...] a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá.”

Diante dessa realidade, o presente trabalho contribui para o ensino de leitura e produção de textos no ambiente escolar, no sentido de que apresenta uma experiência desenvolvida em sala de aula, aproveitando um instrumento da mídia digital (no caso, o jornal eletrônico) como elemento estimulador da elaboração de textos por alunos de Ensino Médio por meio da divulgação desse material escrito na Internet.

Para tanto, adotei, conforme propõe Rojo (2001), uma perspectiva discursiva/enunciativa para o ensino de leitura e produção de textos, a partir da teoria dos gêneros de Bakhtin. Isso, naturalmente, tem algumas

implicações teóricas, como a concepção do texto como elemento portador de sentidos, os quais emanam das práticas discursivas e situações interativas de que participam os sujeitos/agentes desse processo.

### **3. A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO AMBIENTE ESCOLAR**

Muitas questões estão envolvidas na prática da produção de textos no meio escolar e chegam a suscitar dúvidas e indagações sobre os propósitos dessa atividade ou sobre procedimentos pedagógicos na condução desse trabalho em sala de aula para que se alcancem resultados satisfatórios. Longe de pretender dar conta de tão complexo assunto, faço aqui algumas reflexões sobre aspectos implicados nesse processo.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que a atividade de produção textual está intimamente ligada à leitura, de sorte que esta dá sustentação àquela, e a desconsideração dessa estreita relação entre ambas tem provocado, não raras vezes, grande dificuldade aos docentes de língua portuguesa na condução de atividades de elaboração de textos por parte de seus alunos. De qualquer modo, a enorme dificuldade que os alunos têm de produzir um texto é realidade fácil de se constatar.

Apesar disso, os momentos reservados, nas aulas de língua portuguesa, para a prática de leitura e produção de textos ainda são bem limitados, embora se reconheça a importância e até necessidade desse trabalho. Mesmo quando ocorrem esses momentos, as condições sob as quais se dá a produção, por exemplo, não consideram, de fato, a existência de leitores reais para esse texto, pois normalmente se destina exclusivamente ao professor da disciplina. Além disso, a finalidade com que esses textos são produzidos normalmente diz respeito a uma nota a ser atribuída como forma de avaliação.

Essa prática acaba distorcendo o verdadeiro sentido de se produzirem textos. É necessário levar em conta que eles não surgem gratuitamente, ou seja, eles emergem em função de uma necessidade real, que implica o atendimento a algumas condições. Segundo Geraldi (1991, p. 137),

Por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que: a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo); e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b) e (c).

De acordo com o autor, a observação de diversos textos produzidos na escola pode mostrar que “há muita escrita e pouco texto”, justamente porque para cada um dos requisitos acima existem referências distintas das que há quando a produção é realizada por uma exigência real do cotidiano do aluno, quando é “para valer”. Com isso, é possível perceber o quanto o meio escolar torna artificial o processo de elaboração de um texto, além de cercear as condições de produção dele, já indicadas.

Tudo isso leva a um grande desinteresse do aluno/produtor de textos em realizar a atividade de escrita no meio escolar, conquanto costumeiramente escreva textos diversos em sua prática cotidiana, seja para envio de correspondências (*e-mail*, *scraps*, torpedos), para anotações pessoais (agendas, diários, bloco de notas), preenchimento de formulários (ficha de cadastro, inscrição em concurso), entre outras situações nas quais as condições referidas por Geraldi sejam efetivamente preenchidas.

Acrescento ainda o fato de que, após “corrigidos” pelo professor – leitor único na maior parte das vezes – os textos escolares, embora tragam marcações das correções feitas/propostas, são prontamente guardados por seus respectivos produtores, sem ao menos uma releitura para verificar que modificações poderiam ser feitas para se atender ao propósito com que eles foram escritos.

É preciso, pois, repensar a prática pedagógica quanto às atividades de produção textual para que se possa obter resultados mais significativos e para que a escola possa cumprir sua função no que diz respeito à formação de leitores e produtores de textos.

### **4. O JORNAL ELETRÔNICO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO**

O avanço tecnológico promoveu a expansão dos diversos instrumentos disponíveis para acesso ao conhecimento dos quais a Internet é um grande expoente. Rapidez, dinamicidade e interatividade são características que tornam o ambiente virtual mais atraente que aulas expositivas no ambiente escolar, as quais, em sua maioria, contam com poucos recursos. Essa realidade, assim como própria dinâmica de sala de aula, acaba por representar desafios que o professor precisa enfrentar para desenvolver sua ação pedagógica, em termos de procedimentos metodológicos adotados e recursos didáticos a serem utilizados.

A utilização da mídia digital hoje já se constitui uma realidade cotidiana na vida de muitos professores e alunos, seja como busca de informação, conhecimento ou entretenimento, seja para a comunicação pessoal por meio dos correios eletrônicos ou mesmo através de bate-papos virtuais e da participação em *sites* de relacionamento.

Embora muito comum na rotina de discentes e docentes, a Internet é pouco aproveitada como ferramenta a serviço do processo ensino-aprendizagem, principalmente na busca de mecanismos alternativos de melhoria do desempenho acadêmico de discentes, e do estímulo ao interesse pela ciência e pela tecnologia. É certo que a Educação à Distância apresenta hoje largo alcance no país, mas diz respeito, sobretudo, à formação de pessoas através do ensino não presencial, possibilitando àqueles que, de outro modo, não teriam acesso à educação, a conclusão de estudos de etapas da Educação Básica ou do Ensino Superior.

Quanto ao ensino presencial, o aproveitamento da Internet geralmente se limita a pesquisas escolares em *sites* de busca, tais como o *Google* e o *Cadê*. Nesse contexto, o jornal eletrônico poderia ser aproveitado como ferramenta de apoio ao trabalho pedagógico no sentido de fazer circular informação, conhecimento e permitir intercâmbio de ciência e tecnologia.

No campo do ensino de língua portuguesa, em particular, o jornal eletrônico pode funcionar como estímulo à leitura e à produção de textos, tanto pelo fato de trazer notícias mais relacionadas à realidade vivida pela comunidade escolar quanto por permitir que os próprios alunos participem da elaboração de textos a serem publicados. Desse modo, as atividades de leitura e escrita podem ganhar novo significado e, assim, contribuir para a melhoria do desempenho dos alunos quanto ao uso eficiente da língua em diversas situações de interação.

Segundo FARIA (1999), para os estudantes, o jornal serve exatamente como um mediador entre a sua realidade e a escola, forma novos conceitos, estabelece criticidade, ajuda a relacionar conhecimentos prévios e sua experiência de vida com as notícias e estabelece objetivos de leitura. Gasperetti (2001), também referindo-se à importância do jornal para o processo ensino-aprendizagem no ambiente escolar, afirma que

Jornais em papel ou on-line, publicações da classe de qualquer outro documento produzido na escola constituem um momento bastante importante na formação do aluno. Desse modo pode-se aprender a trabalhar em grupo, põe-se em evidência as capacidades no campo gráfico, estético e lingüístico e a presença de espírito de alguns participantes através de entrevistas e debates. (p. 98)

Diante disso, é possível observar o quão importante e proveitoso pode ser o uso do jornal eletrônico no ambiente de sala de aula e, para o caso aqui discutido, em particular, para o incentivo à prática de produção de textos.

## **5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ALUNO DO PROEJA**

Antes de desenvolver qualquer trabalho, é preciso ter em mente, entre outras coisas, a finalidade com que ele será realizado, com quem será desenvolvido e como ele será feito. No trabalho docente não poderia ser diferente. E, em se tratando de lidar com o público da Educação de Jovens e Adultos, mais ainda.

Dito isso, esclareço que considere algumas particularidades dos alunos com os quais trabalhei. Isso implicou reconhecer, que, conforme mostram as Diretrizes Curriculares para a EJA (MEC, 2000),

[...] os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos, muitos trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência. [...] Para eles, foi a ausência de uma escola ou a evasão da mesma que os dirigiu para um retorno tardio à busca do saber. (p. 21)

O trabalho é uma realidade constante na vida do aluno da EJA, seja porque ele já está inserido no desempenho de alguma atividade laboral, seja porque se encontra à procura de um emprego. Neste último caso, a matrícula em um curso de formação profissional representa a possibilidade de abertura das portas para o mundo do trabalho, mais ainda quando se leva em conta o padrão de qualificação profissional dos Centros Federais de Educação Tecnológica. Some-se a isso o fato de que, nesse contexto, há uma certa urgência da clientela estudantil para a conclusão de estudos, em virtude de sua necessidade de garantir a si e a seus familiares condições dignas (às vezes, até mínimas) de sobrevivência.

Outro aspecto a ser considerado são as experiências que esse contingente acumulou por meio do trabalho, das relações com o outro, do contato com os meios de comunicação; enfim, de todas as vivências que lhe

foram oportunizadas. “Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional” (MEC, 2006). Tudo isso deve ser levado em consideração para que o trabalho a ser desenvolvido nesse ambiente mostre-se de algum modo significativo.

No caso do trabalho com a língua materna, em particular, é preciso considerar que o aluno da EJA já reconhece as várias circunstâncias em que o uso da linguagem verbal se mostra necessária, em especial as situações em que a modalidade escrita é requerida. Ele também já percebe, em certa medida, a grande importância que adquire o uso eficiente da linguagem em suas múltiplas facetas numa sociedade letrada e em contínuo avanço tecnológico. Assim, promover um intenso contato desse aluno com uma variedade cada vez maior de textos deve ser um dos propósitos da disciplina de Língua Portuguesa, com vistas a conscientizá-lo das diversas formas de organização e manifestação de pensamentos e intenções, mediante as inúmeras situações comunicativas de que o indivíduo venha tomar parte. Isso envolve, naturalmente, uma conscientização sobre a existência de variantes linguísticas bem como sobre sua estreita relação com o contexto de uso.

Também é preciso destacar que os alunos com quem desenvolvi o trabalho que aqui relato fazem parte do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, instituído pelo Decreto nº 5.478, de 24/07/2005, e que teve, inicialmente, como base de ação a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Como essa oferta conjunta de Ensino Médio e Educação Profissional é bastante recente, praticamente inexistia material didático disponível para se trabalhar com essa parcela da população que apresenta certas particularidades aliadas às especificidades do profissional a ser formado. Essa realidade, naturalmente, representou para mim um complicador.

Além disso, cada uma das turmas apresentava certas particularidades que tornavam mais difícil a tarefa. Grande parte dos alunos da disciplina de Língua Portuguesa I possuía fortes lacunas oriundas do ensino fundamental, acarretando sérias conseqüências do ponto de vista da aquisição de alguns conhecimentos e do desenvolvimento de determinadas habilidades. Quanto à outra turma, a de Língua Portuguesa III, era ela formada completamente por alunos repetentes, os quais, em sua maioria, achavam-se desmotivados com a escola e, em particular, com a disciplina.

## **6. DESENVOLVENDO A EXPERIÊNCIA**

Desenvolver um trabalho produtivo com o ensino de língua materna, considerando as atuais demandas sobre a competência comunicativa do usuário da língua nas mais diferentes situações de interação das quais ele venha tomar parte, bem como levando em conta os mais variados recursos tecnológicos ao alcance de grande parte da população estudantil não é tarefa das mais fáceis.

No caso da experiência que desenvolvi, em particular, a dificuldade se intensificou em virtude da enorme disparidade entre alunos de uma mesma turma, de sorte que havia os que tinham boa proficiência de leitura e produção escrita ao passo que existiam aqueles que apresentavam domínio elementar do código escrito, no sentido de grafar com dificuldade palavras simples. Desafio maior pelo fato de se tratar de Ensino Médio, ainda mais aliado à Educação Profissional.

Tomando por base um dos objetivos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais e considerações postas em outros documentos oficiais, tais como o Documento Base do PROEJA e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, parti do texto como unidade de trabalho a ser desenvolvido com a turma em questão. Na escolha dos gêneros utilizados em sala, considerei dois aspectos básicos: a intenção de promover aos alunos um contato com uma gama cada vez mais ampla de textos e a complexidade envolvida, tanto do ponto de vista do conteúdo quanto da expressão, em particular na turma de Língua Portuguesa I. Desse modo, os primeiros textos trabalhados consistiram de notícias e reportagens jornalísticas, seguidos de reportagens de revistas, crônica, conto e charge. Para a disciplina de Portuguesa III, foram selecionados os gêneros crônica, artigo informativo e artigo de opinião. A temática dos textos também desempenhou papel preponderante na escolha: tratava-se de aspectos relacionados ao cotidiano vivenciado pelos alunos (dificuldade financeira, questões de saúde, educação, preservação do meio ambiente, comportamento, entre outros). Transversalmente, foram tratados/discutidos assuntos relativos à ética, à cidadania, à política, ao meio ambiente, ao trabalho e ao consumismo.

Considerei ainda a experiência que havia realizado com uma turma de Língua Portuguesa I, também na modalidade EJA, no semestre anterior e com a qual pude obter bons resultados. Com base nessa experiência

e em minhas vivências de docente da Educação Básica regular, desenvolvi algumas estratégias e procedimentos para enfrentamento da situação que me foi apresentada.

Entre as atividades realizadas em sala de aula, estão as de leitura e compreensão textual, de análise lingüística, de produção de texto, de correção ortográfica e de reescritura de períodos e de textos. Interessa destacar aqui, para os propósitos deste artigo, o que fiz em termos de leitura e, sobretudo, de produção de textos.

Quanto às atividades de compreensão textual, elas envolviam tanto questões que indagam aspectos explícitos no texto, quanto as que abordam aspectos menos explícitos. Neste último caso, propus aos alunos questionamentos acerca de pontos de vista do autor/redator do texto, bem como a investigação dos elementos lingüísticos que os assinalavam. Também contemplei, rotineiramente, a intertextualidade, oportunizando aos alunos perceberem relações de semelhanças e/ou diferenças entre textos, sejam elas de natureza estrutural ou de conteúdo. Outro aspecto importante contemplado nessas atividades foi a observação das diversas vozes presentes nos textos, dos vários discursos que os permeavam e que propósitos estes evidenciavam. O exercício de leitura era também acompanhado de questões que tratavam da progressão temática e coesão textual, investigando os elementos empregados pelo autor para garantir a articulação entre os enunciados. Finalizando a discussão da temática, vinha a produção escrita.

As propostas de produção textual apresentadas aos alunos estavam diretamente relacionadas às temáticas abordadas pelos textos lidos e discutidos em sala de aula. Assim, houve propostas sobre a importância da Amazônia para o país, sobre desenvolvimento sustentável, redução da maioria penal, candidatura de cidadãos com processos judiciais, dificuldades impostas pela vida, entre outras. Considerando-se as duas turmas, destaquei a produção de textos argumentativos, especificamente artigo de opinião, na disciplina de Língua Portuguesa III, ao passo que, com a outra turma, propus produções escritas mais voltadas às condições de vida dos alunos e suas relações com o meio (natural e social) em que viviam, por meio de relato de opinião, de experiência pessoal e história de vida.

Inicialmente, enfrentei rejeições da turma do primeiro período, cuja maioria não realizava as atividades propostas, quer alegando falta de condições de elaborar um texto ou tempo insuficiente para fazê-lo (quando passava como atividade de casa); outros simplesmente ignoravam. Aos poucos, com insistência em solicitar trabalho semelhante, acompanhado de um auxílio individualizado, alguns dos que se negavam a produzir textos, começaram a fazê-lo. Também contribuiu para a mudança de atitude diante da atividade de produção escrita a idéia de publicar os textos na Internet, a qual, embora tenha sido pouco aceita inicialmente, passou a ser vista de forma bastante positiva.

Quanto aos alunos de Língua Portuguesa III, havia uma certa desmotivação pelo fato de estarem repetindo a disciplina. Nesse caso, foi preciso rever o plano de curso, fazer algumas alterações, de modo a tornar menos enfadonhas as aulas em que seriam revistos diversos conteúdos, tarefa nada fácil e que, em várias ocasiões, não foi possível desempenhar a contento. A atividade de produção textual foi a que pude desenvolver com melhor êxito em virtude de três fatores básicos: primeiro, o número reduzido de alunos (a turma contava com 17 registrados no diário de classe, um dos quais só apareceu na segunda metade do semestre); segundo, o atendimento individualizado que pude fazer, nos momentos de reescritura textual; por fim, a possibilidade de publicação dos artigos produzidos pelos alunos no jornal eletrônico da escola, que representou, na verdade, o grande diferencial para essa turma em particular.

Com relação ao atendimento individual, ele se deu para orientações sobre a elaboração dos textos bem como para as atividades de reescritura textual, durante as quais os alunos eram auxiliados na reelaboração de suas produções escritas, com vistas a deixá-las mais adequadas à proposta apresentada e de atender aos propósitos com que foram criadas. Essas atividades mostraram-se muito significativas porque permitiram aos alunos constatarem algumas inadequações que, sem a intervenção de um mediador, não seriam identificadas. Além disso, contribuíram para o aprimoramento da prática de produção escrita dos discentes. E isso se deve ao fato de que, conforme mostram Oliveira e Coelho (2003, p. 93),

A proposta de reescritura abre espaço para o lúdico, para o jogo no ensino de língua portuguesa. Ao acrescentar, retirar, deslocar ou transformar porções ou termos da sequência textual, estão os alunos aprendendo a manipular não só a estrutura discursiva, mas também os sentidos, os conteúdos veiculados pela mesma, desenvolvendo individual e coletivamente sua capacidade de percepção dos artifícios ou recursos de linguagem a que todos estão submetidos numa comunidade lingüística.

No que se refere à publicação das produções textuais, na Internet, por meio do jornal eletrônico, foi preciso contar com a participação de, pelo menos, um profissional da área técnica. Fui auxiliado nessa tarefa por professor de informática, o qual, juntamente comigo e com outros colaboradores, criamos e implantamos o Jornal Eletrônico da Uned Zona Norte de Natal do CEFET-RN, como ação integrante do Núcleo de Pesquisa sobre Espaço, Linguagem, Memória e Identidade (NUPELMI).

Para ser publicado, cada texto precisava passar por uma revisão e uma espécie de seleção, de modo que se alternavam as autorias das publicações, já que não era possível publicar todos os textos simultaneamente, inclusive porque tratariam de uma mesma temática, o que acabaria provocando desinteresse aos leitores. Essas condições levaram os alunos a ter uma postura mais cuidadosa e crítica quando da elaboração de seus textos, bem como a exercitarem a prática de revisão do próprio texto. A Figura 1 mostra exemplo de uma das publicações, contemplando a produção de um artigo de opinião e da história de vida de um dos alunos.



Figura 1 – Protótipo do Jornal Eletrônico da Uned Zona Norte do CEFET-RN

Conforme explicitiei em seções anteriores, a falta de leitores reais para as produções textuais que se dão no meio escolar respondem por parte do desinteresse que estudantes apresentam diante dessa atividade. Nesse sentido, uma vez que proporciona a existência de outros leitores que não o professor de língua portuguesa para os textos produzidos na escola ou para ela, o jornal eletrônico estimula o trabalho de escrita, instigando os alunos não apenas a escrever, como também a reescrever seus textos, num contínuo processo de aprimoramento de sua atividade de produção escrita, desenvolvendo tanto a competência escritora quanto a leitora, já que ambas as atividades estão intimamente relacionadas. Isso representou, na verdade, o que mais de significativo trouxe a experiência que realizei.



Acrescento ainda que esse trabalho proporcionou o compartilhamento de idéias, experiências e pontos de vista por meio da circulação dos textos não apenas entre os alunos das turmas já referidas, mas também entre alunos de outras turmas e entre servidores da Unidade de Ensino Descentralizada da Zona Norte de Natal do CEFET-RN, onde o jornal foi criado.

## 7. RESULTADOS E PALAVRAS FINAIS

Em seções precedentes, registrei que o trabalho de leitura e produção de textos por si só já é bastante complexo. Mais ainda quando se pretende fazê-lo com um grupo de enorme heterogeneidade ou com grande desmotivação conforme as turmas com que procurei realizar a experiência aqui relatada. Considerei, contudo, um desafio a que me submeti, na tentativa de tornar mais significativa a atividade de escrita de meus alunos.

A postura por mim adotada de tomar o texto como ponto de partida para o trabalho que desenvolvi no semestre letivo 2008.1 nas disciplinas de Língua Portuguesa I e Língua Portuguesa III, bem como a prática de atividade de revisão textual por meio de exercícios de reescritura, realizando atendimento individual, para fins de publicação no jornal eletrônico da escola, permitiram que eu alcançasse resultados positivos, mais do ponto de vista qualitativo que da perspectiva da quantidade.

Qualitativamente, consegui, entre os alunos da turma do primeiro período, pelo menos introduzir a prática de produção de textos e mobilizar a maior parte da turma para essa atividade. Na turma de Língua Portuguesa III, foi possível motivar os alunos para a disciplina e, em especial, para a produção textual.

Quantitativamente, os resultados não foram (tão) satisfatórios, embora tenham, de certa forma, superado expectativas iniciais, com base no diagnóstico das primeiras semanas de aula. Dada a realidade socioeconômica e cultural comum aos alunos da modalidade EJA, o índice de abandono é presumivelmente elevado. E, no caso das turmas em questão, infelizmente, veio a confirmar-se, com índice médio de 25% de desistências antes do término do semestre.

Esse índice se deve, sobretudo, aos seguintes fatores: necessidade de trabalho, dificuldade de acompanhar os conteúdos dos diversos componentes curriculares, falta de perspectiva de mudança de vida a partir da educação, consubstanciada em grande desmotivação.

Por fim, destaco a importância de eu ter tomado o texto como ponto de partida de minha experiência com essas turmas, considerando temáticas relacionadas ao cotidiano dos alunos, bem como a divulgação, por meio do jornal eletrônico, de suas produções textuais, dando maior visibilidade às suas criações e, assim, tornando mais significativo o ato de escrever.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: alunas e alunos da EJA*. Brasília: MEC, 2006.

\_\_\_\_\_. *Parecer CNE/CEB nº 11/2000*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)> Acesso em: 18/04/2008.

\_\_\_\_\_. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. *Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio* – Documento Base. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/doc\\_referencial.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/doc_referencial.pdf)> Acesso em: 18/04/2008.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. *Decreto nº 5.478. 24 de junho 2005*.

COSCARELLI, C. V. (org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CRUZ, D. M.; COSTA, C. L. da. *Mídia digital no apoio ao ensino presencial*. FURB, 2004. Disponível em: <<http://home.furb.br/dulce/endipe-costacruz-completo%5B1%5D.htm>> Acesso em: 23/04/2008.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



\_\_\_\_\_. A questão externa da sala de aula. In: ZACCUR, E. (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FARIA, M. A. *Como usar o jornal na sala de aula*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

GASPERETTI, M. *Computador na educação: guia para o ensino com as novas tecnologias*. São Paulo: Esfera, 2001.

GHAZIRI, S. M. *Mídia digital e escola: uma janela aberta para o ensino dos gêneros digitais*. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss09\\_03.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss09_03.pdf)> Acesso em: 23/04/2008.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo, maio de 2002. Texto publicado em CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

OLIVEIRA, M. R. de; COELHO, V. W. Lingüística funcional aplicada ao ensino de português. In: FURTADO DA CUNHA, M. A., MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. de. (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ROJO, R. H. R. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino e compreensão e produção de textos na escola. In: BRAIT, B. (org.) *Estudos enunciativos no Brasil: história e perspectivas*. Campinas/SP: Pontes, 2001.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores pesquisadores do NUPELMI, em particular a Givanaldo Rocha, professor de Informática, pelo suporte técnico dado durante o semestre letivo 2008.1 na publicação dos textos.